

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 11, Hebreus 12: 4-29: Cidadãos em Treinamento

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Na busca por um esboço e por quebrar um texto antigo em blocos de material um tanto administráveis, tendemos a despedaçar o que um autor antigo buscou unir. Assim, começar uma nova seção em Hebreus 12.4 é reconhecidamente artificial; o resultado aqui do meu próprio desejo de enfatizar que a quebra típica que pregadores e estudiosos fazem entre 11.40 e 12.1 é ainda mais problemática. Hebreus 12.4 continua naturalmente a imagem atlética que o autor começou a enquadrar nos versículos 1 a 3 do capítulo 12 e segue rapidamente para 12.5 a 11 para o tópico não relacionado de treinamento ou paideia, educação, um componente robusto do qual incluía treinamento atlético no mundo antigo.

Essa lente da paideia, educação formativa ou treinamento, é uma segunda estrutura que o autor dá aos seus destinatários para visualizarem sua experiência da hostilidade do vizinho. Isso leva o autor a dar algumas instruções específicas sobre como prosseguir e também algumas instruções sobre armadilhas ameaçadoras a serem evitadas em 12:12 a 17, todas apresentadas como uma consequência lógica de ver sua situação através das lentes da disputa e da disciplina formativa. Como uma justificativa de apoio para adotar esses cursos de ação, o autor apresenta nos versículos 18 a 24 um tipo de contraste somativo entre a maneira como Deus havia sido abordado anteriormente, ou seja, em meio a tabus severos e com muito medo e trepidação, com a abordagem celebratória e confiante da cidade eterna de Deus com a qual ele privilegiou os destinatários.

Às 12:25, o autor lança um aviso final menor para maior, instando-os a não se afastarem daquele que lhes fala do céu. Isso, por sua vez, é seguido por uma declaração contundente da expectativa escatológica do autor nos versículos 26 a 29, a remoção do reino visível e instável, os céus e a terra que são parte desta criação material, e a recepção do crente no reino permanente e inabalável. Tudo isso é apoiado por uma interpretação bastante distinta de Ageu, capítulo 2, versículo 6. À luz do bem prometido vindouro, a recepção deste reino inabalável, a única resposta apropriada é, de acordo com o autor, mostrar gratidão, como ele exorta no versículo 28.

Essa resposta de gratidão é uma que ele desenvolverá, então, ao longo do capítulo 13, versículos 1 a 21, em termos práticos e explícitos. Se os destinatários mantiverem uma resposta de gratidão, eles estarão mostrando a devida reverência a Deus. O autor os lembra, no versículo 29, que esse é de fato o único curso de ação sábio, já que nosso Deus é um fogo consumidor.

E assim, com o encerramento do capítulo 12, o autor retorna àquela sugestão de ameaça que percorreu todo o sermão, incitando os destinatários a terem medo de não conseguirem demonstrar gratidão, a resposta de lealdade e obediência que é devida a esse poderoso patrono divino. Em 12, versículos 4 a 11, o autor encoraja os ouvintes a abraçar os desafios de sua situação como disciplina formativa de Deus. Já tivemos uma oportunidade, em um segmento introdutório, de olhar para essa passagem em conexão com nossa exploração do próprio nível de educação do autor, uma vez que essa passagem exhibe um padrão bem conhecido de argumentação, tipicamente aprendido no nível do ensino médio, por assim dizer, de instrução retórica.

Neste segmento, focaremos mais na contribuição da passagem para os objetivos pastorais do autor, particularmente sua modelagem da percepção do ouvinte sobre suas experiências. Ele conduz a esta imagem de disciplina formativa em 12:4, continuando as imagens atléticas com as quais ele abriu este segmento de exortação em 12:1 a 3. Competindo em sua luta contra o pecado, você ainda não lutou até o ponto do sangue. O autor passa para outro evento neste triatlo da fé, da corrida a pé dos versículos 1 a 3 para alguma forma de combate um contra um.

Ele provavelmente tinha em mente o boxe ou a competição de luta sem barreiras conhecida como *pancratium*, em vez de luta livre, que não tendia a sangrar. Isso é mais do que meramente uma indicação da extensão em que os destinatários sofreram, ou mais particularmente não sofreram, por suas convicções cristãs até este ponto. Esta é uma tentativa de envergonhar os ouvintes cujo sofrimento por sua lealdade a Cristo ainda não chegou nem perto do sofrimento de Cristo em seu favor.

Como algum deles já poderia estar perto de desmaiar ou desistir? Lembrar aos ouvintes que sua luta de boxe é contra o pecado também é retoricamente estratégico. As pressões do vizinho sobre eles não são benignas ou bem-intencionadas. Elas são a manifestação do poder do pecado, tentando estrangulá-los ou esmurrá-los até a submissão.

Fazer as pazes com os não crentes em seus próprios termos de retirada da associação com o grupo cristão se torna desistir vergonhosamente nesta partida contra o pecado. O autor usou uma ferramenta retórica comum, imagens atléticas, para facilitar a perseverança em um curso de ação impopular. Ele agora faz a transição para uma segunda ferramenta desse tipo.

Então, lemos nos versículos 5 a 11 que vocês também se esqueceram da exortação que lhes fala como filhos e filhas. Meu filho, não valorize a disciplina do Senhor tão levemente, nem desanime quando for repreendido por ele. Pois o Senhor disciplina a quem ama e castiga todo filho a quem recebe.

Suportai, pois, com o propósito de disciplina educativa. Deus vos trata como a seus filhos e filhas. Pois que filho ou filha há a quem o pai não disciplina? Mas se estais sem disciplina, da qual todos se tornaram participantes, então sois filhos ilegítimos e não legítimos.

Já que tivemos nossos pais biológicos como nossos disciplinadores e demos atenção, não nos submeteremos ainda mais ao Pai dos espíritos e viveremos? Pois eles nos disciplinaram por um curto período, como lhes pareceu melhor, mas ele nos disciplina para nosso benefício, a fim de que possamos ter uma participação em sua santidade. E toda disciplina não parece ser alegre, mas penosa para o tempo presente. Mas depois, ela dá o fruto pacífico da justiça para aqueles que foram treinados por ela.

As dificuldades que a congregação suportou e continua a suportar como o preço da perseverança são interpretadas aqui como disciplina formativa parental de Deus. A passagem é dominada por toda parte pela palavra grega paideia e formas relacionadas, que aparecem não menos que sete vezes, reforçando essa lente interpretativa. A experiência de rejeição pelo mundo é, portanto, estrategicamente transformada em um sinal da própria adoção do crente na família de Deus.

Deus os trata como filhos e filhas, e suas lutas são os meios pelos quais Deus molda seus personagens e os equipa com as virtudes apropriadas para futuros cidadãos da cidade de Deus, o reino que eles estão prestes a receber. As experiências de vergonha e marginalização tornam-se, com efeito, provas de seu status honrado e favorecido aos olhos de Deus. O autor começa este segmento de exortação recitando Provérbios 3, versículos 11 e 12, citando especificamente este como o texto que estabelece o relacionamento pai-filho e pai-filha entre Deus e os destinatários.

Há uma ligeira mudança em ação aqui entre a versão hebraica de Provérbios 3 e a tradução da Septuaginta, a tradução grega do mesmo texto. No texto hebraico, o elemento de analogia é muito mais claro. Assim como um pai castiga o filho em quem se deleita, a Septuaginta obscureceu a qualidade da analogia, traduzindo o versículo assim, ele castiga cada filho que recebe.

Assim, o versículo se torna um testemunho da adoção real por Deus, em vez de uma analogia útil para descrever o castigo de Deus. Essa modificação do hebraico para o grego torna o texto ainda mais útil para os propósitos do autor. Enquanto o próprio Provérbios havia articulado um modelo punitivo de disciplina, o autor de Hebreus, como a maioria dos autores greco-romanos e autores judeus removidos da Palestina, tendia a favorecer uma compreensão da disciplina ou treinamento de Deus como formativo ou educativo, em vez de punitivo.

Nos versos que seguem a recitação do autor de Provérbios 3, 11 e 12, o autor falará repetidamente de paideia, disciplina formativa, mas nunca reintroduzirá os aspectos

do texto de Provérbios que levam a uma direção punitiva, como ser reprovado ou o verbo mastigoi , ele castiga, que na verdade é baseado na mesma raiz que nos dá a palavra chicote. Um texto comparativo marcante para a exortação do autor nesses versos aparece no breve tratamento de Sêneca sobre a Providência, De Providentia , onde Sêneca, o filósofo latino da primeira metade do primeiro século, também fala da resistência às dificuldades como disciplina parental divina. Neste tratado, Sêneca escreve que o sábio é o aluno, imitador e verdadeiro filho de Deus, a quem aquele pai magnífico, nenhum aplicador suave de virtudes, educa com bastante severidade, assim como os pais rigorosos fazem.

Deus cria o sábio como um filho. Deus testa, perdoa e prepara o sábio para o próprio Deus. O mais impressionante é a declaração de Sêneca que cita, aqueles a quem Deus aprova e ama, Deus endurece, examina e exercita.

Sêneca chega a comparar o treinamento paternal de Deus com a maneira como os pais espartanos chicoteavam seus filhos em público como uma demonstração da obtenção das virtudes premiadas de resistência e coragem. É digno de nota que essa surra espartana não era punitiva, mas probatória. Era uma demonstração da fortaleza e formação das crianças, não uma punição de forma alguma.

Tanto em Sêneca quanto em Hebreus, há a completa ausência do sentido de que essas dificuldades recaem sobre os sofredores porque eles fizeram algo errado. Em vez disso, a ênfase está nos frutos positivos que a corajosa resistência a tais provações produzirá no treinando. Eu me detenho nisso porque é importante que entendamos que o autor não está dizendo aos ouvintes que eles estão sofrendo porque Deus os está punindo, mas sim porque Deus os está moldando e treinando.

Com base em sua recitação de Provérbios 3, o autor prossegue então exortando os ouvintes mais uma vez a perseverar com o propósito de disciplina formativa. Deus está se comportando com vocês como com filhos e filhas. A ênfase da exortação permanece na perseverança, que o autor já instou repetidamente aos destinatários, por exemplo, no capítulo 10, versículos 32 e 35, e tão recentemente quanto os versículos 1 a 3 no capítulo 12.

O autor está desenvolvendo sua exortação argumentativamente aqui com uma analogia geral com a experiência de todas as crianças criadas por pais humanos. Pois que criança há que um pai não treina? Ele segue isso com um argumento interessante do contrário. Se você não tem esse treinamento que todas as crianças compartilham, você é filho ilegítimo e não filho genuíno.

O autor está dando um golpe retórico aqui. Ele está fazendo da experiência de reprovação e perda sofrida por amor a Cristo um sinal de favor e honra, e ainda mais espantosamente, a ausência de tal dificuldade como um sinal de desfavor e desonra, um sinal de que Deus não está investido em moldá-los e moldar seu caráter muito da

maneira que Deus moldou o caráter do filho por excelência, Jesus, que aprendeu a obediência por meio do que sofreu, como ouvimos anteriormente no sermão. O ouvinte sem dúvida se lembrará da própria experiência de Jesus de compartilhar essa disciplina, sobre a qual o autor se debruçou no capítulo 5, versículos 7 a 10.

Os ouvintes são chamados a compartilhar dessa experiência para que também possam ter os benefícios de compartilhar da honra e virtude do filho. Na medida em que são participantes da disciplina, também são participantes com Cristo no estado final de glória. Pode não ser acidental que o autor repita a palavra *metachoi* aqui em 12.8 que ele havia usado anteriormente no capítulo 3, versículo 14, talvez para conectar esse sentido de que compartilhar com a experiência de Cristo de ser disciplinado leva a compartilhar com Cristo no estado final de glória.

O autor segue esse argumento do contrário com um argumento menor para maior para dar mais suporte à sua exortação. Tivemos nossos pais biológicos como nossos treinadores, e nos submetemos com reverência. Não deveríamos nos submeter ainda mais ao pai dos espíritos e viver? Nessa distinção entre pais terrenos e o pai dos espíritos, há uma espécie de raciocínio embutido que assume a superioridade dos espíritos sobre a carne.

Deus como pai é um em um sentido maior e mais definitivo, o pai da nossa vida, da nossa própria alma, em oposição a ser meramente o pai que gerou nossa existência biológica. E assim, Deus é correspondentemente mais digno de nossa submissão reverente ao treinamento de Deus em oposição a nossa resistência a esse treinamento e tentativa de escapar dele. O resultado de tal submissão é que viveremos.

E os ouvintes provavelmente ouvirão vida aqui no mesmo sentido que foi apresentado um pouco antes no capítulo 10, versículos 37 a 39. O autor está se referindo não meramente à existência física como resultado da submissão à disciplina formativa de Deus, mas à vida como sobrevivência escatológica. Em 10:37 a 39, a pessoa justa vive pela fé, pois somente aqueles que são de fé serão libertos do cataclismo escatológico e viverão com Deus no reino inabalável.

Conforme o autor continua, ele novamente contrasta os pais terrenos com os pais divinos. Os pais terrenos dos ouvintes disciplinavam os ouvintes como lhes parecia melhor por um curto período. Mas a disciplina de Deus é absolutamente para nosso benefício.

Não há indício de dúvida quanto ao valor desta disciplina, diferente da disciplina dos pais terrenos, que às vezes está no alvo e às vezes está fora do alvo. O resultado final do treinamento de Deus é uma participação na santidade de Deus, que é, em essência, o cumprimento da injunção de Deus no coração do código da lei levítica de ser santo como eu sou santo. O autor conclui este segmento de exortação

adicionando uma paráfrase expansiva da máxima bem conhecida: a raiz da educação é amarga, mas seu fruto é doce.

Nessa máxima, encontramos as palavras-chave *paideia* para educação e *karpos* para fruto, que também aparecem com bastante destaque em Hebreus 12, versículo 11, sinalizando aos destinatários ainda mais claramente a máxima sobre a qual ele está improvisando. Toda disciplina educativa, *paideia*, parece no momento presente não ser alegre, mas penosa, mas depois produz o fruto pacífico, *karpos*, de retidão para aqueles que foram treinados por ela. Dada a ampla aceitação da verdade da máxima subjacente no mundo antigo, os ouvintes são mais propensos a aceitar a aplicação dessa máxima como uma estrutura interpretativa para suas experiências e, assim, a aceitar o chamado do autor para perseverança contínua em meio a essas experiências.

A metáfora atlética entra novamente sutilmente aqui com a palavra *treinamento*, *gegumnasmenois*, que é um eco verbal do *gymnasion*, o ginásio, onde os futuros cidadãos da cidade-estado grega eram educados e também treinados para o desenvolvimento de proezas físicas e força. O objetivo desses exercícios que os ouvintes estão suportando em prol de seu compromisso cristão é, de acordo com o autor, a formação da virtude da retidão ou justiça, *dikaiousune*, em sua alma e vida. Esta é uma das quatro virtudes cardeais celebradas na filosofia ética greco-romana e também, é claro, uma virtude central promovida na tradição escritural do Antigo Testamento.

Por meio desses exercícios de treinamento, a faculdade moral dos crentes é formada e fortalecida para que o crente aprenda a sempre escolher honrar a Deus e honrar suas obrigações para com os companheiros crentes, agindo, portanto, com justiça e retidão. O resultado de sua perseverança será a formação desse valor valioso, dessa virtude valiosa, em seus corações e vidas, preparando-os para viver como cidadãos honrados da cidade que Deus preparou para eles. A exortação que se dirige a eles como filhos e filhas chama os ouvintes a se voltarem bravamente para esses exercícios de treinamento e a percorrer o curso que amplia e fortalece seu comprometimento com a retidão, em vez de se afastarem desse treinamento ou considerá-lo algo a ser evitado em vez de abraçado, uma mentalidade que é evidente entre aqueles que começaram a se afastar da reunião dos cristãos.

O autor insiste que, ao contrário, a hostilidade do próximo está, na verdade, servindo aos objetivos de Deus, desde que os crentes se recusem a ceder a essa pressão para abandonar sua nobre busca. O curso conveniente, aquele que preserva e aumenta sua honra, não é, portanto, evitar, mas abraçar esses exercícios formativos. A conexão entre disciplina educativa e treinamento forma uma ponte de volta à linguagem atlética que caracteriza a retomada da exortação direta em Hebreus 12, 12 e seguintes.

Portanto, endireite as mãos caídas e os joelhos fracos e faça caminhos retos para os seus pés, para que o que é coxo possa ser curado em vez de desarticulado. O autor está aqui se baseando ricamente na linguagem das escrituras ao retomar a exortação direta. Ele relembra a linguagem de Isaías 35, 3, seja forte mãos caídas e joelhos fracos.

Isaías, em seu contexto, estava encorajando os ouvintes com base em um oráculo de libertação divina sobre o florescimento do deserto e a estrada a ser preparada através dele para que Deus pudesse levar de volta os resgatados do Senhor a Sião em meio a cânticos de celebração. Assim como Isaías encorajou seus ouvintes a endurecer sua determinação e elevar suas esperanças em vista da libertação vindoura de Deus, o autor de Hebreus está liderando o novo povo de Deus a fazer o mesmo à luz da libertação escatológica para a qual Deus está atualmente treinando os ouvintes. Eles devem continuar em sua corrida para a cidade celestial onde uma reunião festiva os aguarda, e o autor continuará em breve a mostrar.

Eles devem prosseguir com a guarda alta, as mãos erguidas na postura de bons boxeadores em sua luta contra o pecado e seu movimento para frente inabalável. Ele também traz a linguagem de Provérbios 4, versículo 26, onde lemos, faça caminhos retos para seus pés e fortaleça, endireite suas veredas. O contexto de Provérbios fala sobre escolher caminhos que sejam justos em vez de perversos, uma conexão que pode ter levado o autor que tem se preocupado em promover o que ele percebe como o curso de ação justo em resposta ao patrono divino em vez de um injusto a incorporar este texto em sua exortação.

Para o autor de Hebreus, andar de forma justa é quase a contrapartida espiritual da fisioterapia que cura uma articulação coxo por meio de exercícios cuidadosamente guiados e prescritos. O que constitui o caminho certo? O autor continua aqui sugerindo buscar a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Vigar para que ninguém fique aquém dos dons de Deus, para que nenhuma raiz de amargura brote para causar problemas e muitos sejam contaminados por ela, para que ninguém seja imoral ou profano como Esaú.

No início desses versículos, o autor relembra o Salmo 33, versículo 14, busque a paz e persiga-a. Relações pacíficas dentro da comunidade cristã são, é claro, de vital importância, mas o autor também está encorajando uma disposição pacífica em relação aos de fora, embora esses de fora tenham uma disposição muito diferente em relação aos próprios cristãos. 1 Pedro dá muito mais atenção a essa dinâmica em um ambiente hostil, não retornando injúria por injúria ou abuso por abuso, mas sim vivendo de forma encantadora na medida em que se pode sem violar o que é devido a Deus, portanto, não comprometendo o essencial em prol de viver pacificamente.

Ao lado de buscar a paz, o pregador eleva a importância de buscar a santificação, vivendo plenamente naquele estado de santidade que Cristo abriu para eles quando

os santificou, separando-os para seu destino divino. Pode-se também notar aqui que a santidade foi o resultado da disciplina divina apenas alguns versículos antes no capítulo 12, versículo 10. Assim, buscar a santificação ou santidade é, em parte, uma reafirmação da exortação para suportar a disciplina divina e continuar avançando neste processo.

Ver Deus acontece, na mente do autor, quando o crente entra na presença de Deus no último dia. Se eles continuarem neste caminho de buscar paz e santificação, de suportar a disciplina formativa de Deus com as mãos levantadas e os joelhos fortalecidos, eles realmente chegarão a esse ponto de ver Deus finalmente. Enquanto o autor continua então, cuidando para que nenhum de vocês fique aquém do dom de Deus, ele enfatiza mais uma vez a responsabilidade comunitária que todos os crentes compartilham pela perseverança de cada crente individual em direção ao objetivo.

Cada membro dentro da comunidade é encarregado de garantir que seus irmãos ou irmãs não sejam enganados ou persuadidos a parar antes de entrar no descanso prometido por Deus, a pátria celestial, assim como a geração do Êxodo ficou aquém do presente de Deus. O autor também os exorta a garantir que nenhuma raiz de amargura brote em seu meio, por meio da qual muitos possam se contaminar. Esta exortação recontextualiza Deuteronômio 29, versículo 17, particularmente na tradução da Septuaginta, onde Moisés adverte o povo do meio que se recusa a manter a aliança, mas sim se apega a seus ídolos.

Tal pessoa seria de fato uma raiz de amargura, brotando para causar problemas. O pregador aplica isso à apostasia de alguns, aqueles que estão se afastando. Profanar os muitos é uma forma figurativa de expressar desilusão e o enfraquecimento da determinação que será sentido por aqueles que testemunharam suas antigas irmãs e irmãos desistindo de sua busca por esta corrida.

O autor então passa para uma exortação um pouco mais expandida com base no exemplo de Esaú, e por meio deste exemplo, o autor espera colocar o último prego no caixão da contemplação da apostasia, seja apostasia formal ou meramente apostasia prática, à medida que alguém retorna aos braços da sociedade. Os ouvintes ainda devem ficar atentos, para que ninguém seja um fornicador ou profano como Esaú foi, que, por uma única refeição, vendeu seu direito de primogênito. Pois você sabe, mais tarde, desejando herdar a bênção, ele foi recusado, pois não encontrou um lugar para o arrependimento, embora o tenha buscado com lágrimas.

Este encapsulamento da história de Esaú lembra muito fortemente o aviso de Hebreus 6, 4 a 8, com sua afirmação de que não há segundas chances para voltar ao portão inicial do arrependimento, por assim dizer. Esaú não é conhecido em Gênesis, particularmente como um fornicador, mas as tradições do período do Segundo

Templo desenvolvem uma imagem de Esaú como sexualmente imoral, particularmente com base em seu casamento com esposas hititas, que encontramos em Gênesis 26 versículo 32. O autor pode estar usando fornicção aqui como uma metáfora para a infidelidade.

O uso metafórico do termo em Números 14 versículo 33, a história do fracasso da geração do deserto no limiar de Canaã, que já é figurado tão proeminentemente no sermão aos hebreus, apoiaria tal entendimento. Ali, Deus decretou que o povo suportaria sua fornicção até que seus corpos fossem consumidos no deserto. A impiedade ou mundanidade de Esaú é exibida quando ele mostra que valoriza muito pouco as promessas e benefícios de Deus, representados aqui por seu direito de primogenitura como filho de Isaque, filho de Abraão, escolhendo alívio temporário das dificuldades imediatas da fome em vez das posses melhores e duradouras que teriam surgido em seu caminho.

O exemplo de Esaú serve como um contraste para o próprio exemplo passado da comunidade, para os exemplos de Moisés ou dos mártires ou de Jesus, todos os quais continuaram a suportar dificuldades temporárias, algumas no extremo, em prol do bem maior prometido por Deus. O autor, portanto, introduz uma analogia estratégica por meio do exemplo de Esaú. Os bens da sociedade são para as recompensas de Deus, assim como uma tigela de ensopado de lentilhas é para um direito de primogenitura.

A avaliação ruim de Esaú sobre o valor relativo e a vantagem de uma refeição para seu direito de primogenitura manchou sua memória ao longo dos milênios, deixando-o como o ridículo antiexemplo de avaliar escolhas com sabedoria e virtude. Os destinatários são, portanto, convidados a pensar claramente sobre suas próprias escolhas para evitar exibir a mesma tolice ao vender seu direito de primogenitura eterno por algumas décadas de paz e segurança entre seus vizinhos não crentes. Ao elaborar sua apresentação do exemplo de Esaú, o autor de Hebreus fundiu alguns elementos para tornar sua apresentação ainda mais eficaz para as necessidades pastorais enfrentadas por seus ouvintes.

No episódio de Gênesis 25, versículos 29 a 34, Esaú estava ciente de que havia negociado seu direito de primogenitura, seu direito à maior parte como filho mais velho. No episódio posterior de Gênesis 27, versículos 30 a 36, no entanto, Esaú não mostra nenhum sinal de que negociar seu direito de primogenitura como primogênito também incluía abrir mão da bênção que deveria ter vindo a ele enquanto seu pai Isaque estava perto da morte. De fato, Jacó teve que fazer de tudo para enganar Isaque a dar a ele a bênção que cabe ao primogênito também, e Esaú não mostra nenhuma consciência de que não deveria receber a bênção como consequência de seu acordo anterior com seu irmão tantos anos antes.

O autor de Hebreus, no entanto, confunde direito de primogenitura e bênção para fazer de Esaú um exemplo mais nítido da impossibilidade de recuperar o que alguém havia desvalorizado e jogado fora. Assim, abrir mão de seus direitos como primogênito muitos anos antes teve consequências para o restante da vida de Esaú. Não havia uma segunda chance, por assim dizer, de recuperar o que ele havia perdido enquanto estava ao lado do leito de morte de Isaque.

Aqueles que lerem a história de Gênesis sem dúvida acharão a cena de Esaú diante de seu pai Isaque bastante lamentável, enquanto ele implorava a seu pai com lágrimas. Pai, não sobrou nenhuma bênção para mim? Isso cria uma impressão vívida sobre os ouvintes de Hebreus da sorte sendo lançada, embora agora por uma razão bem diferente. Esta é precisamente a imagem que o autor deseja conectar com as consequências de negociar a paz com Deus pela paz com a sociedade.

Como Esaú, aqueles que jogam fora os dons e as promessas de Deus não encontrarão espaço para arrependimento. O arrependimento em si é um dom de Deus para conceder ou reter. Esta é uma doutrina que não seria exclusiva do autor de Hebreus.

Encontramos algo semelhante na Sabedoria de Salomão, onde o arrependimento em si é um presente de Deus para as pessoas, e elas não podem atingir o arrependimento a menos que Deus o conceda. Dessa forma, o autor reforça novamente que é realmente perigoso presumir o favor de Deus valorizando-o muito levemente. O exemplo de Esaú reforça fortemente os avisos, particularmente em 648 e 1026 e os seguintes.

Aqueles que receberam os benefícios repetidos de Deus e depois os jogaram fora não podem esperar nenhum retorno ao favor, nenhuma segunda chance de começar novamente naquela estrada, assim como Esaú descobriu que não havia chance no final de desfazer o dano que ele havia causado em seu relacionamento com Deus. O autor segue suas exortações para perseverar com uma representação da diferença entre a maneira como as pessoas eram conhecidas por terem se aproximado de Deus sob a antiga aliança e a maneira muito mais celebratória, cativante e acolhedora na qual as pessoas são convidadas a se aproximar de Deus agora que a nova aliança foi inaugurada, pois vocês não se aproximaram de algo palpável e ardente, de fogo e escuridão e escuridão e um redemoinho e da reverberação de uma trombeta e do som de palavras.

Os ouvintes daquele som imploraram para que o discurso não fosse prolongado, pois não podiam suportar a ordem. Se até mesmo um animal tocar a montanha, será executado por apedrejamento. De fato, tão aterrorizante era o fantasma que Moisés disse: Estou com medo e tremendo.

Mas vocês se aproximaram do Monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e de miríades de anjos em um hino festivo e da assembleia dos primogênitos inscritos no céu e de Deus, o juiz de todos e dos espíritos dos justos aperfeiçoados e de Jesus, o mediador de uma nova aliança e do sangue da aspersão que está falando algo melhor do que o de Abel. A palavra para, em grego, gar, indica que o autor apresenta este par de imagens contrastantes como uma justificativa para aceitar e atender às exortações do autor. As vantagens que eles desfrutam quase exigem que eles continuem a avançar em direção a esta recepção sem precedentes, acolhedora e bela que Deus preparou para eles.

Os contrastes entre as duas abordagens a Deus não poderiam ser mais pronunciados. A primeira ocorreu no reino material, e a segunda no reino invisível permanente. A primeira foi marcada pelo medo e cercada por tabus de pureza que acarretavam severas penalidades.

O segundo é marcado pela adoração celebratória a Deus. O autor reúne uma riqueza de imagens em um curto compasso para fazer um efeito cumulativo nos ouvintes, um que vai além do significado individual de cada componente individual ou da análise minuciosa de tais detalhes. A primeira metade desta passagem se baseia extensivamente em relatos da experiência de encontrar Deus no Sinai, especialmente em Êxodo 19:12 a 19 e Deuteronômio 4:11 a 12.

O verbo approach aqui, em you have approach, é outra forma do mesmo verbo que tem sido proeminente ao longo do sermão, pois o autor instou os ouvintes a continuarem a se aproximar. Sua recorrência aqui fornece uma espécie de resumo para esses convites ao longo do sermão. O autor nega a abordagem temerosa cercada de tabus, que proibia explicitamente os seres humanos e os animais de sequer tocarem a montanha onde Deus estava descendo.

A escuridão agourenta, os sons aterrorizantes, as vozes, nada disso faz parte da nova abordagem do ouvinte a Deus que Jesus abriu. A confissão de medo de Moisés aqui na verdade aparece apenas mais tarde em Deuteronômio capítulo 9, e o autor admite que a tira um pouco do contexto. Originalmente, referia-se à trepidação de Moisés a respeito da ira de Deus após o incidente do bezerro de ouro, que ocorreu bem depois da teofania, a aparição divina na entrega da lei no Monte Sinai.

Agora, tornou-se a pedra angular da apresentação do autor sobre o acesso temeroso e restrito a Deus que foi aberto para os cristãos por Jesus. Justaposto então a esta imagem assustadora criada pelos 12 versículos 18 a 21, o autor apresenta sua visão para a meta no final da peregrinação cristã, que agora parece ainda mais radiante. Não o Monte Sinai com seu terrço, mas o Monte Sião, com sua alegria celebratória, os aguarda no final de sua jornada.

O autor descreve isso como uma cena de adoração com uma reunião festiva dos anjos em uma liturgia celestial. Não são fenômenos meteorológicos assustadores e deprimentes que cercam esta montanha, mas as hostes angelicais reunidas em um panegírico, uma canção festiva em louvor ao governante do reino inabalável. Aqui, também, está a assembleia dos múltiplos primogênitos.

Ao contrário de Esaú, que jogou fora a herança dos primogênitos, essas pessoas de fé se mantiveram firmes e chegaram à recepção de sua herança eterna, compartilhando a herança de Jesus, o primogênito por excelência. O fato de seus nomes estarem inscritos no céu sugere a prática comum de nomes de cidadãos serem inscritos na lista de uma cidade. Esses são inscritos como cidadãos na cidade do Deus vivo e desfrutam de plena participação nos direitos de cidadãos para os quais suas experiências de disciplina formativa neste mundo os prepararam.

Aquilo que o povo de fé agora morto havia buscado, por exemplo, como o autor nos disse em Hebreus 11:13 a 16 sobre Abraão e os patriarcas buscando uma cidade com fundamentos, uma cidade do próprio fundamento de Deus, e aquilo para o qual os ouvintes agora estão sendo treinados, está diante deles nesta imagem convidativa da cidade de Deus, a nova Jerusalém. Deus está presente neste festival como o juiz de todos, um lembrete aos ouvintes da importância suprema da avaliação de suas vidas por Deus sobre a de qualquer outro tribunal de reputação, como a de seus vizinhos. Os espíritos dos justos aperfeiçoados é uma frase que ajuda a esclarecer o significado de perfeição ou tornar perfeito em Hebreus.

Esses justos são aperfeiçoados no sentido de que finalmente entraram na presença de Deus, tendo ido eles mesmos para onde Cristo tinha ido como o precursor. E o povo de fé do Antigo Testamento e o povo de fé do Novo Testamento são aperfeiçoados juntos, como lemos em Hebreus 11, 39 a 40, quando todos são reunidos no reino inabalável e na cidade de Deus. Também presente aqui diante dos ouvintes está o mediador de uma nova aliança, Jesus, cuja obra sacerdotal e oferta do sangue da aspersão tornaram possível sua entrada na presença real de Deus.

Essas imagens lembrarão a exposição central do sermão. O sangue de Jesus é aqui elusivamente dito para falar uma palavra melhor do que o sangue de Abel. O sangue de Jesus, é claro, fala uma palavra de perdão e aceitação por Deus, em contraste com o sangue de Abel, que clamava por justiça e vingança.

Hebreus 12:18 a 24 apresenta o bem que está na posse segura dos ouvintes se eles continuarem a perseverar em sua nova vida juntos em Cristo. Este é um apelo implícito ao tópico de conveniência ou vantagem, pois os ouvintes estarão preocupados em preservar essas vantagens presentes e não, agindo tolamente, trocar tal favor por ira. A seção seguinte, Hebreus 12, versículos 25 a 29, retornará a tais deliberações explicitamente.

O autor apresenta uma imagem que sugere que não há nada à frente deles do qual eles precisem recuar, como ele teme que alguns possam continuar a fazer se considerarem apenas as pressões que seus vizinhos colocaram sobre eles. Em vez disso, à frente está uma celebração jubilosa na cidade celestial, na companhia de Jesus, seu mediador, e todos os justos reunidos em seu lar final, acenando para que continuem seu movimento para a perfeição. O contraste da palavra falada no Sinai e a palavra melhor do céu também estabeleceu o aviso final em Hebreus 12, 25, o argumento final do menor para o maior, que corresponde muito de perto ao argumento do menor para o maior que abriu a primeira exortação do sermão no capítulo 2, versículos 1 a 4. Cuidado, para que você não rejeite aquele que está falando com você.

Pois se aquelas pessoas não escaparam depois de recusar aquele que os está advertindo na terra, quanto mais nós não escaparemos quando nos afastarmos daquele que adverte do céu, cuja voz abalou a terra naquele tempo, mas agora prometeu, dizendo: apenas uma vez mais abalarei não apenas a terra, mas também o céu. E isso apenas uma vez mais significa a remoção das coisas abaláveis como coisas que foram fabricadas para que as coisas inabaláveis possam permanecer. Portanto, como estamos recebendo um reino inabalável, mostremos gratidão por meio da qual adoremos a Deus de tal maneira que lhe agrade com reverência e temor, pois nosso Deus é realmente um fogo consumidor.

Aquele que os advertiu na terra poderia ser ouvido como Moisés, o porta-voz da aliança do Sinai, não fosse pelo versículo imediatamente seguinte, que parece sugerir que Deus é a fonte de ambos os avisos. Diz-se que a voz de Deus abalou a terra no Sinai. A voz de Deus abalou a terra naquele momento.

Em Juízes 5, versículos 4 a 5, e no Salmo 67, versículo 8, o terremoto como uma resposta à voz de Deus é parte da memória daquele evento no Sinai. O autor agora apresenta Ageu, capítulo 2, versículo 6, como o oráculo divino para contar o abalo decisivo e a remoção da terra e do céu. No entanto, de uma vez por todas, abalarei o céu e a terra.

O autor modificou este texto de Ageu para enfatizar a inclusão do céu neste futuro tremendo junto com a terra. Então, o autor adiciona as palavras não apenas à sua citação, mas também inverte a ordem do céu e da terra para tornar o contraste mais evidente e o tremor do céu mais proeminente e climático. As duas palavras iniciais da recitação, em grego as palavras *eti hapax*, em inglês três palavras apenas mais uma vez, fornecem a chave para esta interpretação deste versículo.

Já que Deus abalará a terra e os céus *hapax*, de uma vez por todas e não apenas novamente, o autor lê isso como uma promessa do decisivo abalo escatológico e remoção da criação visível, tanto a terra quanto os céus visíveis. Pode-se lembrar aqui do contraste do autor entre a natureza temporária do reino material visível e a

natureza eterna de Deus e o reino de Deus introduzidos no início do capítulo 1, versículos 10 a 12. Todas as coisas criadas e abaláveis serão removidas para que o que é inabalável e somente isso possa permanecer.

A escatologia distintiva do autor emerge novamente aqui. O céu e a terra não são renovados, nem a era vindoura começa após a passagem da era presente. Em vez disso, o reino de Deus já existe além da criação material e visível, e será simplesmente tudo o que restará após a remoção da ordem secundária temporária criada.

Ser e permanecer parte da comunidade cristã é essencial para a sobrevivência em si, o que é uma razão, talvez, pela qual o autor concebe a salvação como aquilo que o crente está prestes a herdar no capítulo 1, versículo 14, como o dom que só é totalmente recebido na segunda aparição de Cristo em Hebreus 9, versículo 28. A libertação do mundo material que está programado para dissolução e entrada no reino permanente que sozinho sobrevive ao abalo é a libertação, a salvação que, na análise final, mais importa para este autor. A remoção das coisas que devem ser abaladas corresponde à remoção da primeira câmara, que bloqueia o acesso ao lugar santo; se nos lembrarmos aqui da discussão do autor sobre o layout físico do tabernáculo no capítulo 9, versículos 9 e 10.

Após esse abalo escatológico e a remoção dos céus visíveis, o caminho para o lugar santo divino se tornará evidente, e os clientes dos filhos, os muitos filhos e filhas, serão introduzidos. Essa expectativa sustenta a desvalorização consistente do autor das posses mundanas, da cidadania mundana e do status mundano. Todas essas coisas são garantidas pela promessa de Deus de passar, e somente as melhores posses do crente no reino de Deus permanecerão.

A única resposta adequada ao desejo de Deus de conferir um dom tão magnífico ao povo da fé é mostrar gratidão. O grego aqui é *echomen charen*. *Charen de charis*, que tendemos a traduzir como graça, aqui deve denotar gratidão, uma vez que o autor oferece esta exortação como uma resposta adequada ao recebimento de um presente, a saber, o reino inabalável.

O chamado à gratidão e à perseverança na gratidão é a essência do argumento e exortação do autor em Hebreus. A imensidão dos benefícios que Deus está conferindo, uma pátria eterna na qual os beneficiários serão registrados como cidadãos, requer um comprometimento proporcional para viver com gratidão. Essa gratidão se expressará por meio da adoração a Deus com piedade e temor reverente de maneiras que sejam agradáveis a Deus.

Encontramos aqui outra das palavras construídas sobre o radical *euarest*, aqui *euarestos*, bem agradavelmente. Este foi um grupo de palavras que foi introduzido em Hebreus 11, versículos 5 e 6, onde *pistis*, confiança ou fé inabalável, foi afirmado

como pré-requisito para agradar a Deus. E o mesmo termo retornará mais tarde no capítulo 13, versículos 16 a 21.

Essa ligação verbal entre 12:28 e aqueles versículos posteriores no capítulo 13 sinaliza que 13 1 a 21 desenvolverão uma imagem de como a gratidão para com Deus se parece em termos de atividades cotidianas, de compartilhar uns com os outros e fazer o bem uns aos outros na comunidade crente e se engajar naquele apoio mútuo que torna possível a resistência aos ataques da sociedade e que também continua a reconhecer a beneficência de Deus. Ao instar os ouvintes a serem gratos, o autor os lembra de que o que eles ganharam é muito maior do que o que perderam. Talvez aqueles que estão vacilando em sua fé se sintam derrotados.

Eles estão doentes de coração com as perdas que sofreram e os lembretes diários dessa perda. Ao longo deste sermão, o autor se deteve no que os crentes têm, em vez disso, o que ganharam por meio de sua conexão com o filho, ganhos tão grandes que tornam as perdas insignificantes em comparação. Hebreus 12:29 completa o parágrafo com uma imagem adequada de Deus como um fogo consumidor, uma imagem tirada de Deuteronômio 4, versículo 24, onde lemos que seu Deus é um fogo consumidor.

Esta imagem reforça o aviso de 12:25 e também relembra o aviso do capítulo 10, versículos 26 a 31, onde o ingrato enfrenta a perspectiva do fogo ansioso pronto para consumir os adversários. Hebreus 12 versículos 28 a 29 repete, em poucas palavras, a técnica pastoral do autor ao longo do sermão empregada para reforçar sua injunção de oferecer a Deus um serviço reverente e piedoso e, assim, mostrar a Deus a gratidão que ele merece, a saber, pela consideração tanto da magnitude de sua generosidade, por um lado, quanto também pela consideração do perigo de seu julgamento sobre aqueles que respondem injustamente a ele e seus dons, por outro lado. O autor avança seus objetivos retóricos para os ouvintes de várias maneiras importantes em Hebreus 12:4 a 29, complementando a lente interpretativa da competição atlética que ele introduziu como uma estrutura para pensar sobre suas experiências em 12:1 a 3. O autor acrescenta a lente interpretativa da disciplina formativa de Deus, transformando experiências e sofrimentos difíceis em provas de adoção honrosa na família de Deus e oportunidades para a formação do caráter.

Com essa lente no lugar, o autor impele os ouvintes a continuarem a encarar essas experiências de frente como um caminho honroso a seguir, em oposição a um caminho debilitante. Eles começam a ver que suas experiências de dificuldades revelam Deus moldando-os mais do que a sociedade envergonhando-os. A visão da Jerusalém celestial que o autor desenvolve é um convite convidativo aos ouvintes para continuarem a se aproximar e avançarem juntos nos caminhos da lealdade a Jesus.

Não há, no final, nada a temer diante deles, mas apenas uma recepção comemorativa em sua herança eterna. Com seu aviso final e a justificativa cosmológica para esse aviso, o autor novamente coloca diante dos olhos do ouvinte muito, muito claramente o que ele acredita ser o desafio abrangente para o qual os ouvintes devem se preparar e que os ouvintes não ousam deixar de enfrentar. Não é o desafio de continuar a se dar bem pelo resto desta vida em uma sociedade sem apoio, mas é o desafio de enfrentar e sobreviver ao abalo escatológico dos céus e da terra para que não se compartilhe o destino do cosmos temporário, mas sim entre no lar eterno que Deus preparou para aqueles que se mostram leais.

Perto do final deste capítulo, o autor retornou de forma bastante explícita à sua convocação à gratidão, o valor central que mantém unida a maioria de suas exortações e advertências aos ouvintes que buscam impressioná-los de que uma resposta grata a Deus deve guiar suas deliberações em todas as circunstâncias em que se encontram. Ao contemplarmos como apropriar este capítulo em nosso próprio discipulado e na formação de nossas comunidades de fé, devemos estar atentos às maneiras pelas quais o conteúdo de Hebreus 12 5 a 11 foi criticado por estudiosos e intérpretes modernos. Alguns leem esta passagem como apresentando a criação abusiva de filhos como sancionada por Deus ou como uma garantia para violência doméstica ou a criticam por interpretar o sofrimento como punição merecida.

Tudo isso pode ser verdade do texto de Provérbios que o autor recita, mas nada disso é verdade da aplicação do próprio autor desse texto nesta passagem. O autor de Hebreus silencia aqueles aspectos do texto de Provérbios que falam de disciplina punitiva, movendo-se em vez disso na direção da disciplina formativa. Ele também não diz nada para sugerir que as dificuldades que os ouvintes vivenciam são culpa deles mesmos.

Essas dificuldades são o resultado, em vez disso, da hostilidade de pecadores de pessoas que se opõem a Deus e não se rendem à vontade de Deus. É essencial tanto para a exegese quanto para a aplicação desta passagem entender quais sofrimentos o autor tem em mente. Ele não está falando de doença ou enfermidade em si, ou abuso doméstico, ou pobreza, ou sujeição a um regime opressivo.

Ele está falando particularmente da censura, insulto, abuso e privação sofridos e voluntariamente suportados pelos crentes como resultado de sua associação com Jesus e o povo de Deus e como resultado de seu compromisso de permanecer leais e obedientes aos mandamentos deste Deus. É problemático tentar aplicar esta passagem fora do contexto pastoral original do autor. Esta passagem oferece encorajamento, especialmente à igreja perseguida em ambientes repressivos onde a confissão de fé, estamos nos reunindo com um grupo cristão e estamos moldando a vida de alguém segundo os mandamentos de Deus e as exigências do evangelho colocam as pessoas em conflito com sua sociedade anfitriã.

Esse é um cenário muito semelhante ao cenário abordado pelo autor e, portanto, interpretado com essa imagem de disciplina formativa pelo autor. Permanece, é claro, um encorajamento aos cristãos em qualquer cenário sempre que fazer o que Deus deseja significar abnegação e abraçar dificuldades e sofrimentos em prol da obediência leal a Deus. Em Hebreus 12, versículos 12 a 17, o autor nos dá outro lembrete de nossas responsabilidades uns para com os outros na fé.

Ele nos chama novamente para ultrapassar talvez as limitações impostas a nós pela privatização ou individualização da religião em nossa sociedade para continuar a descobrir, em vez disso, como investir em garantir que nossos irmãos e irmãs não fiquem aquém dos dons de Deus, mesmo quando permitimos que eles nos ajudem a permanecer no caminho certo e seguir em frente. O exemplo de Esaú continua a nos desafiar nos muitos contextos em que podemos nos encontrar trocando nosso direito de primogenitura como filhos e filhas do Deus vivo pelo que é proporcionalmente uma única refeição. O exemplo de Esaú confronta os cristãos em nações hostis ou repressivas de forma bastante direta, muito mais uma vez, como o autor confrontou seus próprios ouvintes, encorajando-os de que mesmo décadas de vida e conforto não são nada comparados a manter a integridade da obediência comprometida a Deus.

Assim, ceder diante de uma repressão, mesmo muito séria, equivale a vender o direito de primogenitura pelo equivalente a uma única refeição. O exemplo de Esaú, no entanto, também confronta os cristãos em nações ocidentais onde o cristianismo foi amplamente domesticado para se tornar uma religião inofensiva, privada e fundamentalmente irrelevante que pode ser tolerada com segurança, uma vez que nunca interfere nos negócios como de costume. O autor nos desafia a perguntar se vendemos nosso direito de primogenitura ao comprar o discipulado domesticado. Nós moldamos um Deus que atende às nossas necessidades quando precisamos dele, em vez de buscar o Deus que nos chama para servi-lo e sua visão para nossa comunidade, nossa nação e o mundo? Nós moldamos um salvador que nos ama e cuida de nós, mas está contente em nos permitir perseguir nossos próprios objetivos e ambições, em vez de perseguir seu chamado para servirmos a seus objetivos? O exemplo de Esaú nos desafia a perguntar com que frequência nossas escolhas refletem nossa fome por Deus, nosso amor por Deus, nossos desejos de ser instrumentos de Deus neste mundo, e com que frequência nossas escolhas mostram uma preferência, em vez disso, pelos entretenimentos e buscas triviais deste mundo. Finalmente, a elevação do autor da resposta grata a Deus no final deste capítulo nos sugere que a gratidão é um valor central que tem o potencial de trazer integração às nossas vidas.

O autor investe energia considerável neste sermão para nos tornar mais e mais conscientes do que recebemos de Deus, substituindo nosso senso de direito, nossas noções de que ganhamos o que temos, nosso desejo insaciável por mais bens ou

entretenimentos ou distrações deste mundo por uma compreensão de quão profundamente agraciados, favorecidos e enriquecidos fomos por Deus. E ele faz isso para nos levar a investir de todo o coração em fazer um retorno justo a Deus por sua generosidade. Testemunho, obediência, serviço, cuidar daqueles a quem Deus quer que cuidemos, estender o alcance de Deus em nome de Deus como clientes gratos de Deus, buscando qualquer oportunidade de trazer honra e servir aos interesses de nosso grande patrono.

Essas coisas formam uma agenda que traz integridade a cada parte de nossas vidas, e um compromisso de mostrar gratidão a Deus se torna o valor central que buscamos incorporar em cada situação. Fazemos isso porque ele não merece menos de nós e, como o autor nos lembra, porque nosso Deus é de fato um fogo consumidor. O autor nos desafia a deixar de lado a visão não bíblica de que a salvação é um presente sem amarras que podemos desfrutar enquanto buscamos nossos próprios interesses ao longo de nossa vida e a adotar, em vez disso, a visão bíblica de que a salvação é o resultado final da dança contínua entre o favor e a beneficência de Deus e minha capacidade de resposta, honrando os dons de Deus como Deus merece e me entregando aos interesses de Deus como Deus se deu a mim.

O Deus que nos deu nossas vidas, nossos bens e nossa esperança eterna, e o Salvador que morreu por todos e ressuscitou em favor deles, merecem a plena expressão de nossa gratidão ao dedicarmos nossas próprias vidas para viver não mais para nós mesmos, mas para Jesus, que morreu em nosso favor e ressuscitou, o que o próprio Paulo identifica como o propósito de Jesus ao morrer por nós em 2 Coríntios 5, versículo 15.